

Olho de pavão

Fusicladium oleagineum (Castagne) Hughes
(=*Spilocea oleagina* Cat.)

Os sintomas de infeção do olho de pavão, nas folhas de oliveira, são característicos e permitem a deteção fácil da doença no pomar. Pode provocar intensa desfoliação em variedades sensíveis, enfraquecendo a planta, diminuindo a produção de flores e originando queda precoce dos frutos ou produzindo frutos de baixa qualidade. Em situações de forte infeção pode ocorrer queda dos frutos. É uma doença comum nos olivais, sendo descurada por vezes a sua importância.

Biologia e Epidemiologia

A infeção ocorre dentro da folha, onde o fungo se desenvolve e se mantém dormente nos períodos desfavoráveis. O inóculo da doença, também pode ser encontrado hibernando nas folhas caídas. Se no ano anterior houve infeções severas e se a primavera decorrer com temperaturas amenas e chuvosa, aumenta a incidência da doença.

Os esporos do fungo, para originar novas infeções em folhas suscetíveis, necessitam de temperatura entre 15 °C a 20 °C e humidade superior a 98 %, durante um a dois dias. Estas condições encontram-se no outono-inverno e em primaveras particularmente chuvosas e temperadas. Como a duração do período de incubação e a manifestação dos sintomas varia entre 2 a 15 semanas (dependente de condições ambientais, da suscetibilidade da folha, variedade, etc.), a gravidade da infeção pode passar despercebida.



Sintomas

Fig. 1 - Sintomas em diferentes estados de infeção de *Fusicladium oleagineum*, em folhas

Fazendo jus ao nome vulgar, os sintomas nas folhas, assemelham-se ao padrão distinto das penas da cauda dos pavões. As infeções ocorrem na página superior das folhas da oliveira, caracterizando-se por apresentar manchas circulares, concêntricas, de diâmetro variável, podendo-se sobrepor. A cor da infeção pode variar de castanho escuro a negro, possuindo zonas contrastantes amarelas, visíveis em especial na primavera. A infeção também pode ocorrer nos pedúnculos e nos frutos, mas é menos frequente. O aparecimento de frutos deformados pela infeção está dependente da época em que esta se dá; se ocorrer numa fase inicial, o fruto deforma-se na zona de infeção; se ocorrer posteriormente, aparecem manchas bem delimitadas mais ou menos circulares, com a presença ou não de massas de fungo de cor acastanhada.

Estratégia de luta

| Época de observação | Estimativa do risco | | NEA (Nível Económico de Ataque) |
|--|----------------------|--|--|
| | Método de amostragem | Órgão a observar | |
| Início do desenvolvimento vegetativo | Observação visual | 20 folhas (colhidas nos quatro quadrantes, no interior e periferia da copa da árvore) x 20 árvores | Variedades sensíveis: 5-10% de folhas com manchas visíveis. Variedades resistentes: não tratar |
| Verão | Laboratório | Diagnóstico precoce (*) | Variedades sensíveis: 10% de folhas infetadas. Variedades resistentes: > 30-40% de folhas infetadas |
| Fim de verão/ Outono (antes das primeiras chuvas) | Observação visual | 20 folhas (colhidas nos quatro quadrantes, no interior e periferia da copa da árvore) x 20 árvores | Variedades sensíveis: 10% de folhas com manchas visíveis + manchas latentes; Variedades resistentes: Tratar ao aparecimento das primeiras manchas esporuladas |

(*) diagnóstico precoce: em Julho/Agosto deve efetuar-se o diagnóstico precoce. Para tal devem colher-se 200 folhas (5 folhas x 40 árvores, colher folhas de cada quadrante) e colocar as folhas em imersão em solução de NaOH a 5% durante 2 a 3 minutos. Este método é efetuado em folhas novas à temperatura ambiente, em folhas velhas deve ser realizada a 50-60°C. Em presença de ataque, poder-se-á observar na página superior da folha manchas circulares escuras (opacas) que não são mais do que o inóculo latente (1).



Meios de luta

Fig. 2,3 e 4 - Folhas com diferentes aspetos de sintomas (2 e 3) e aspeto de árvore evidenciando queda de folhas (4).

Luta cultural

Devem promover-se práticas que dificultem a infeção da doença: adubação equilibrada, para evitar excessos de vigor; correção das carências de Potássio e Cálcio; poda e condução das oliveiras, de modo a estabelecer bom arejamento na copa e assim favorecer a secagem mais rápida dos órgãos vegetativos. Evitar compassos de plantação apertados. O sistema de rega não deve contribuir para aumentar a humidade no olival (uso de aspersores é desaconselhável).

Luta genética

Uso de variedades resistentes tipo a Galega vulgar; ou mediamente suscetíveis, como é o caso da Corrançosa e da Gordoal. Variedades dadas como suscetíveis são a Carrasquenha, Cornicabra, Conserva de Elvas, Cordovil de Serpa, Madural, Maçanilha, Negrinha, Picual, Redondil (2) (3).

Luta química

A seleção do fungicida a utilizar está dependente da avaliação do risco e da intensidade de infeção. Pode admitir-se o uso de preventivos no início da infeção e curativos quando a doença está instalada. Consultar os produtos homologados no local: http://www.dgav.pt/fitofarmaceuticos/guia/finalidades_guia/Insec&Fung/Culturas/oliveira.htm

(1) http://www.dgadr.mamaot.pt/images/docs/mediateca/pub/PRODI_olival.pdf.zip, acedida em 17/09/2015.

(2) http://home.utad.pt/~ltorres/documentos_pdf/olho_pavao.pdf, acedida em 17/09/2015

(3) http://www.drapn.min-agricultura.pt/drapn/conteudos/ft2010/ficha_tecnica_19_2008.pdf, acedida em 17/09/2015